

## INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA POESIA DE HERBERTO HÉLDER \*

João Décio

### III

A leitura dos poemas de *Ofício Cantante* revela em Herberto Helder a preocupação e o interesse em situar o ser no mundo, num sentido de reconstrução, de revisão da “cidade do homem”, a partir das origens e das vozes primordiais. Não é por acaso que alguns dos seus melhores poemas assinalam a idéia/obsessão da busca do princípio de tudo, e com isto o reconstruir do mito do homem, ao mesmo tempo em que se ergue a sua cosmovisão e a sua teoria poética. A reflexão sobre seus poemas mostra um pensar e repensar sobre as condições da palavra poética. E esta preocupação vai até o ponto de, ao lado de poemas interseccionistas, ater-se o poeta à construção, à palavra/palavra, como ocorre com o poema montagem “*Húmus*”. Caminha-se para a construção do “espaço mitológico do ser”, lá onde por ser exaustivamente, deixa-se de ser. Assim, a poesia de Herberto Helder chega a criar o espaço atual a partir dessa realidade nas suas origens. É por isso que a recorrência a termos e expressões que assinalam a busca da origem das coisas, constitui tentativa do ser situar-se no mundo e tentar renovar-se num constante apelo às sensações físicas, elemento constante na poesia de Herberto Helder. O homem, se encontra só e logo busca a comunicação em outros corpos, inicialmente através da valorização das palavras (e também dos atos) e aos poucos vai cedendo ao mágico processo da entrega total ao nível do silêncio. Assim é que na comunicação, por exemplo, com a mulher amada se opera a integração no plano da presença e também no da transcendência. Para ilustrar melhor nossas afirmações, tentemos identificar em

(\*) As partes I e II saíram no n.º 17 (1971).

alguns poemas este apelo do ser às origens e em seguida o entendimento da expressão do corpo e o contato direto com os outros, na organização do que chamarei de “espaço vital”. Vejamos inicialmente o poema “Prefácio”:. No início já se propõe a perfeita consciência em relação ao objeto referente e à própria palavra. Percebe-se que há a coisa a expressar mas também a preocupação com a palavra que se propõe a dizer a coisa, isto é, opera-se a presença da metalinguagem: “Falemos de casas./ Do sagaz exercício de um poder/tão firme e silencioso como só houve/no tempo mais antigo.”

Aqui já se pode detectar algumas tônicas da poesia de Helder: primeiramente, a preocupação com a expressão poética, revelando-se como uma construção, um exercício, um trabalho intelectual mas também um artesanato, ou como ele mesmo dirá num poema, num labor de “oficina”. Em parêntese, é preciso lembrar que a poesia de Helder opera em dois extremos: daquilo que constitui criação automática, irracionalismo do processo onírico (daí seu surrealismo) até a obra como construção, consciente, na tentativa da palavra se transformar no objeto e deste se fundir com aquela. Enfatiza-se já a presença da comunicação num plano de maior profundidade porque se vai além da palavra: “poder/tão firme e silencioso”, para se concluir com a preocupação ao nível da realidade temporal das crígens, mito: “no tempo mais antigo”. Percebe-se a poesia reconstruindo o ser desde as vozes primordiais e imemoriais e que se perdem no tempo mas que depois se restitui na época atual. Dimensiona-se assim, a intemporalização da comunicação e resulta daí a universalização. Valoriza-se a palavra naquilo que não se gastou no eterno desgatável da comunicação, propondo o silêncio como processo de interação entre os seres. Parte-se de uma dualidade palavra/silêncio para depois se perceber que o silêncio é a continuidade da palavra, esta, sempre contingente, aquele, transcendente. O silêncio como comunicação assinala maior profundidade pois as palavras estão gastas, conforme assinala Eugênio de Andrade, em um de seus antológicos poemas.

Portanto, repondo as coisas, os três primeiros versos assinalam em síntese, a metalinguagem, o poema como criação, como montagem, como arquitetura, através da fixação de momentos que se mantém, na eternidade, uma das qualidades poéticas de Herberto Helder.

Mais adiante, numa dupla direção, a simbólica e a preocupada com a construção do poema (e da vida) aparece a consciência da morte: “Estes são os arquitetos sorrindo com

ironia e doçura no fundo/ de um alto segredo que os restitui à lama". O arquiteto se confunde com o próprio poeta na medida em que a poesia é construção, é arquitetura. Ainda mais, a lucidez na reconstrução parece derivar da própria consciência da morte que seria o aniquilamento do princípio de tudo. Esta volta às origens está bem evidenciada no momento "que os restitui à lama". Esta é o início de tudo, o princípio, a não causa. Verifica-se que ao nível temporal e semântico, há uma preocupação com o primordial, o mítico. Helder é, além de um surrealista, de uma sensacionista e interseccionista, o poeta da palavra/construção, palavra/objeto, revelador de uma atitude que mais propriamente podemos chamar de neo-romântica e isto parece claramente expresso em "De doces mãos irreprimíveis". Curiosamente, Herberto Helder é um poeta que sintetiza fundamentalmente uma intensa vida erótica com uma posição francamente sentimental, parecendo acentuar que quanto mais erótico mais emotivo, revelando que a recíproca também é verdadeira.

Em seguida, numa temporalidade lógica, surge pela primeira vez a referência a um aspecto da natureza que, aos poucos vai-se apoderando da temática da poesia de Herberto Helder, e justamente onde aparece a recorrência ao processo onírico, entremeado de imagens desconexas e fora da sintaxe normal: "Sobre os meses sonhando nas últimas chuvas,/as casas encontram seu inocente jeito de durar contra/ a boca sutil, rodada em cima pela treva das palavras." Observa-se uma insurgência contra a palavra que apenas torna mais obscura, mais complexa e menos fácil a comunicação: "pela treva das palavras".

Novamente a consciência da poesia e do dizer poético, da palavra/palavra consubstanciada em "Digamos que descobrimos amoras, a corrente oculta/ do gosto, o entusiasmo do mundo. A linguagem quase prosáica de Helder nesta altura remete à exigência do "enjambement": "corrente oculta/ do gosto e "contra/a boca sutil.

O sentido da busca e a alegria do encontro assinalam a consciência que tem o ser do mistério que envolve toda expressão poética na direção do emissor em relação ao receptor: "Digamos que descobrimos amoras, a corrente oculta/do gosto, o entusiasmo do mundo". Novamente a presença da metalinguagem, da poesia como descoberta da mensagem mas também da palavra/objeto no processo anafórico, que é mais ou menos constante em Herberto Helder.

Logo em seguida novamente a poesia como descoberta do mundo e duma linguagem associada à presença do corpo na busca da comunicação através do elo mais forte para o processo: o cessar da palavra: "Descobrimos corpos de gente que se protege e sorve, e o silêncio/admirável das fontes". Note-se ainda novamente a presença do "enjambement" na linguagem quase prosaica nesta altura: silêncio/admirável e a preocupação com o caráter primordial, a origem da vida: "fontes".

Abrindo novo parêntese, é preciso lembrar que a palavra poética em Herberto Helder é ambivalente: de um lado remete a um referente de ordem intelectual (um sentimento, uma sensação, uma idéia do mundo); de outro remete à própria palavra. Não seria este aspecto da dupla referência que faz grande a poesia de Herberto Helder e de alguns outros poetas da atualidade, em Portugal? Num certo sentido, o da palavra/objeto ela se esgota em si-mesma e noutra ela permanece inesgotável, numa oscilação e numa ambivalência que estabelecem uma mobilidade formal e não-formal da palavra. Em seguida a presença de um cerrado conhecimento sensorial veiculado pelo conceptual: "pensamento nas pedras de alguma coisa celeste/ como fogo exemplar."

Observa-se a retomada do processo anafórico aliado à concretização do processo de criação poética através da imagem visual: "Digamos que dormimos nas casas, e vemos as musas/ um pouco inclinadas para nós como estreitas e erguidas flores." Cumpre notar que o processo da metalinguagem está ligado à absorção sensorial do mundo ao mesmo tempo que se abre o largo devir temporal que conduz à origem das coisas: "temos memórias/ e absorvente melancolia/ e atenção às portas sobre a extinção dos dias altos".

Até o momento delineiam-se algumas características da linguagem poética de Herberto Helder: a repetição das palavras e das idéias, através da anáfora como se o poeta quisesse estar constantemente refletindo sobre sua criação; a presença da metalinguagem, a descoberta da palavra e do mundo, a dinâmica dos elementos da natureza, a palavra referente de um conhecimento intelectual e de si própria, e a ocorrência de dois pólos: o surrealismo e o neo-romantismo.